



## REVELANDO O SEGREDO? A TRANSEXUALIDADE FOTOGRAFADA PELA REVISTA PLAYBOY

Tiago Sant'Ana<sup>1</sup>  
Julio César Sanches<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo propõe uma análise das fotografias publicadas na edição especial da revista Playboy que teve como capa a cabeleireira, ex-BBB e transexual Ariadna Thalia. O objetivo principal da pesquisa é perceber de que maneira a revista representou o corpo transexual, bem como os discursos pautados na heterossexualidade compulsória reforçados na publicação. Para tal, as fotografias serão observadas a partir dos estudos da Semiótica e de reflexões da Teoria Queer. Para além das dimensões estéticas da revista, perceberemos na edição analisada que a transexualidade é representada de maneira que a torna abjeta e ininteligível.

*Palavras-chave:* Transexualidade; Fotografia; Revista Playboy; Abjeção

### Introdução

O corpo é tido como referência de deliberação de lugares sociais, da posição ocupada por determinado indivíduo nos enlaces relacionais da sociedade. Ele é significado culturalmente e suas distinções se tornam *marcas* que os identifica e hierarquiza como importantes ou não. Através de processos de reiteração ritualizada, as sociedades regulam e materializam o sexo dos sujeitos para que obedeçam a um cânone pautado na heterossexualidade. Todavia, como ressaltou Judith Butler, os corpos nunca se conformam de forma integral às normas – e, assim, nunca aderem completamente à materialização que lhes é atribuída. Contudo, os corpos que fogem à norma, sofrem sérias regulações e passam por um processo performativo de não-humanização.

Neste artigo analisamos como o corpo transexual foi retratado na edição especial da revista Playboy que teve como capa a cabeleireira, ex-BBB<sup>3</sup> e transexual Ariadna Thalia. A partir disso, tentamos entender como a fotografia esteve à serviço de discursos heteronormativos na

<sup>1</sup> Graduando de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Compõe o Coletivo Aquenda! De Diversidade Sexual. Pesquisador do grupo de pesquisa Cus – Cultura e Sexualidade. Bolsista FAPESB/PIBIC – pelo Grupo de Arte, Audiovisual e Patrimônio.

<sup>2</sup> Graduando de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), integrante do Coletivo Aquenda! De Diversidade Sexual. Pesquisador do Grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS/UFBA) e Corpo e Cultura.

<sup>3</sup> A sigla BBB se refere a Big Brother Brasil – reality-show exibido pela Rede Globo de Televisão, em que participantes são confinados/as numa casa e monitorados/as por câmeras integralmente.



publicação. Para tal, o produto foi observadas à luz dos estudos da Semiótica e de reflexões da Teoria Queer. Para além das dimensões estéticas da revista, percebemos na edição analisada que a transexualidade é representada de maneira que a torna abjeta e ininteligível.

*Tessituras sobre a transexualidade – para iniciar o debate*

No livro *A reinvenção do corpo* (2006), Berenice Bento nos proporciona um a imersão nas vidas de transexuais do Brasil e da Espanha. A autora investiga o cotidiano de transexuais para perceber suas vidas e maneira como discursos médicos e psicológicos recaem sobre a experiência dessas pessoas. Bento toma como base documentos oficiais da medicina para tentar encontrar a origem da “invenção da transexualidade”.

Segundo a autora, a palavra “transexualpsíquico” foi citada em 1910 pelo sexólogo Magnus Hirschfeld para designar travestis fetichitas. A psicanalista Marcia Aran (2006) indica que as primeiras cirurgias de transgenitalização foram executadas por volta de 1920 na Alemanha e na Dinamarca. Esses procedimentos cirúrgicos, nesse momento, tinham como objetiva a obtenção de uma “adequação sexual”, além de estar vinculado ao tratamento de “pseudo-hermafroditas” e “hermafroditas verdadeiros” (ARAN, 2006, p. 52)

Cauldwell retomou a palavra “transexualpsíquico” em 1949 para estudar o caso de um transexual masculino. Na década de 50, Harry Benjamin cria o conceito de *transexualismo* e surgem publicações que apontam especificidades do que chamavam de “fenômeno transexual”. Esses estudos assinalavam uma diferença entre travestismo e transexualismo, bem como uma exclusão da homossexualidade, pois os pacientes examinados se diziam heterossexuais. Com toda essa investida para designar o que seria um/a transexual, Bento assinala que a partir daí começa o “dispositivo da transexualidade”.

Bem como Berenice Bento, utilizamos como base os estudos de Foucault (1993), na obra *Microfísica do poder*, para denominar o conceito de dispositivo. Concordamos com o autor quanto ele afirma que um conjunto de práticas discursivas e não discursivas são montadas com o objetivo de dominar. Logo, dispositivo está relacionado à discursos teóricos e práticas que regulam os indivíduos.

Desse modo, toda essa “curiosidade” para se institucionalizar o que é transexualidade, para além de um saber médico, consiste numa forma de domar, saber os limites e as formas médicas de agir com essa experiência sexual.



A partir disso, podemos nos ancorar no debate estabelecido por Judith Butler em *Desdiagnosticando o gênero* (2009) sobre a oposição entre o diagnóstico médico e a autonomia transexual. No sistema público de saúde, é necessário que um diagnóstico médico seja feito para “atestar” a transexualidade de determinado indivíduo. Esse laudo médico possibilita acesso da/do transexual a tratamentos hormonais ou até mesmo à cirurgia.

Contudo, a autora aponta que receber o diagnóstico de “transtorno de identidade de gênero” é, de algum modo, se reconhecer como uma anomalia, doente, disfuncional, enfim, abjeto. Em reação a isso, há uma reivindicação no sentido de que a experiência transexual não deve ser entendida como uma doença, mas sim uma possibilidade sexual. A liberdade do diagnóstico daria uma autonomia à transexualidade da autodenominação, da liberdade de determinação do seu gênero. A interferência médica no devir trans está associada, portanto, a uma busca da fixidez das normas de gênero tal como canonizadas. (BUTLER, 2009)

Dessa maneira, nessa relação, o diagnóstico vai possibilitar uma maneira mais viável de conseguir a transgenitalização. Mas, por outro, será a válvula de escape da transfobia e da vinculação dessa experiência como patológica, anormal. Os resultados médicos dariam legitimação jurídica e assistência financeira pelo sistema público de saúde. Contudo, Butler questiona se realmente essas são possibilidades dispare. “Se desejo a transição, posso precisar do diagnóstico para alcançar meu objetivo; e alcançar meu objetivo é exatamente uma forma de exercer minha autonomia.” (BUTLER, 2009, p. 97).

Ainda que a medicina seja uma ponte entre o desejo e efetivação de uma conformação corporal para muitos transexuais, é necessário que se crie um campo conceitual que desvincule essa experiência sexual à medicina e à biologia. A palavra *transsexualismo* é uma denominação que tenta definir uma não-correspondência entre o corpo e a subjetividade. Mas, a utilização do sufixo *ismo* nessa palavra denota atitudes sexuais ditas perversas, além de uma patologização de indivíduos que tem a experiência sexual de ser transexual.

A expressão *transsexualismo* está relacionada a um saber médico que se apega somente a parâmetros posológicos e biológicos para denominar a sexualidade de outrem. Ou seja, ainda que se passe por todo um processo de se “fazer” uma sexualidade compatível com a sua performance/gênero/subjetividade, a biologia estará marcando sempre o corpo daquela pessoa. Se não bastasse isso, a medicina toma como base o sexo de origem para denominar o/a “paciente” que passou pelo processo de transgenitalização. Logo, denominam “transexual masculino” o homem



que passa pelo processo para se tornar mulher, e “transexual feminino” a mulher que se torna homem.

Assim, as categorias biológicas “de origem” se tornam o parâmetro para essa denominação – quando seria o caráter social e de performance de gênero que deveria ser levado em consideração. Por isso, recusamos a utilização da palavra transexualismo em detrimento da nomenclatura *transexualidade*.

Outra concepção que é colocada em xeque, é a de que as pessoas transexuais querem fazer a cirurgia para poderem ter prazer e fazerem sexo com pessoas normais e dentro de uma lógica heterossexual. A cirurgia não é um desejo comum a pessoas transexuais. Em alguns retratos, a mudança de nome civil, o direito de ter a identidade de gênero que deseja e o investimento de hormônios já bastam para se sentirem bem. É um sentimento de *reconhecimento* da condição sexual. No livro *Cuerpos que importan*, Butler discute no último capítulo um ponto interessante para essa discussão. A autora coloca que

En realidad, sólo puedo decir "yo" en la medida en que primero alguien se haya dirigido a mí y que esa apelación haya movilizado mi lugar en el habla; paradójicamente, la condición discursiva del reconocimiento social precede y condiciona la formación del sujeto: no es que se le confiera el reconocimiento a un sujeto; el reconocimiento forma a ese sujeto.<sup>4</sup>

Com base nos estudos de Bento e na fala de Butler, não compactuamos com a idéia que a cirurgia tem como objetivo a plena satisfação sexual. Acreditamos que o motivo da intervenção cirúrgica é a busca pela inserção na vida social e pela formação de um reconhecimento da experiência do sujeito – que, conseqüente, como já dito pela autora, o forma.

Outra questão que deve ser discutida aqui e que ainda tange a questão da “transexualidade universal” é aquela relacionada aos papéis e performances de gênero que transexuais desempenham. O dispositivo da transexualidade visa normatizar o corpo das pessoas que tem essa experiência sexual, e isso se dá também para garantir a ordem sexual. Ou seja, para fazer a cirurgia de mudança de sexo há um acompanhamento de dois anos para que se prove que existe na pessoa “sanidade mental”. E uma das maneiras de se provar essa suposta normalidade é a obediência aos papéis de gênero. É necessário que se prove que transexuais tem condutas, performances e construção

<sup>4</sup> BUTLER, Judith. Acerca do término “queer”. In: *Cuerpos que importan: sobre os limites materiales e discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002. p. 317



corporal correspondente à que se auto-declara. A partir disso, percebemos que existe um desejo de se fazer transexuais femininas que tenham uma atitude e um corpo pertinente àquilo que se convencionou ser para mulheres. “A ‘aparência’ se refere à produção de um corpo sem ambigüidades, esteticamente possível de se desenvolver a heterossexualidade.” (BENTO, 2006, p. 159)

Muitas pessoas transexuais reproduzem discursos sexuais hegemônicos acerca da masculinidade e da feminilidade. De tal modo, reproduzem e obedecem a uma norma sexual baseada em dispositivos e normas conforme o princípio de canônico de gênero heterossexual (masculino/feminino, macho/fêmea, virilidade/sensibilidade). Muitas pessoas transexuais reforçam o discurso de terem nascido em corpos errados, apontando a intervenção cirúrgica como um destino inexorável e capaz de lhes dar um corpo verdadeiro. Outras pessoas transexuais vão, realmente, adotar a política de perversidade e de rebelião das normas e assinalar a sua condição de desvio de gênero, repudiando as classificações de homem e mulher (PRECIADO, 2008).

Para discutir essa problemática, Guacira Lopes Louro afirma que existe uma espera por essa obediência às normas sexuais e de conduta, já que

ainda que o corpo possa se transformar, ao longo da vida, espera-se que tal transformação se dê numa direção única e legítima, na medida em que esse corpo adquire e exhibe os atributos próprios de seu gênero e desenvolve sua sexualidade, tendo como alvo o pólo oposto, ou seja o corpo diferente do seu<sup>5</sup>

Porém, como registrou Berenice Bento em *A reinvenção do corpo*, há transgressões da heteronormatividade dentro das experiências transexuais. Existem pessoas que se definem como “transexual masculino gay” ou “transexual feminina lésbica”. Dessa maneira, existe uma multiplicidade de identidades e papéis sexuais que são tangenciadas à transexualidade.

Partindo dessas discussões, exploraremos a partir de agora contribuições que a filósofa Beatriz Preciado traz em *Texto Yonqui* (2008) para o debate acerca da transexualidade e da tecnologia. A autora – ancorada nos escritos de Tereza de Lauretis - subsidia um debate interessante para pensar como os corpos são produzidos por meio da tecnologia.

Preciado fala da assunção de um biocapitalismo que produz idéias, organismo, símbolos desejos, reações químicas e estados da alma. Segundo ela, a indústria farmacêutica e a indústria audiovisual do sexo são as bases do capitalismo contemporâneo. De tal modo, viveríamos numa era

---

<sup>5</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 80-81



tóxico-pornô. Preciado propõe, então, pensar sobre um regime de subjetivação regido pelas novas tecnologias do corpo na construção da subjetividade. É a ideia de que os dispositivos de subjetivação sexopolíticos estão relacionados também às tecnologias médicas de controle e à representação (fotografia, cinema, pornografia) – que infiltram a vida cotidiana posterior a Segunda Guerra Mundial. (PRECIADO, 2008)

Dessa forma, na medida em que tecnologias médicas são utilizadas para a construção de corpos que fogem às regras naturalizadas, surge

una nueva distinción ontológico-sexual entre los hombres y mujeres ‘bio’, aquellos que conservan el género que les fue asignado en el momento del nacimiento, y los hombres y las mujeres ‘trans’ o ‘tecno’, aquellos que apelarán a las tecnologías hormonales, quirúrgicas y/o legales para modificar esa asignación.<sup>6</sup>

Contudo, Preciado chama a atenção para o fato de que tanto “bios” quanto “trans” são produzidos tecnicamente. Somos homens e mulheres de laboratório. A diferença entre os dois está pautada na resistência à norma, na consciência dos investimentos da tecnologia farmacopornográfica na conformação da masculinidade e feminilidade. “No hay aquí un juicio de valor implícito: el género trans no es mejor ni más político que el género bio”. (Op. Cit., p. 86)

Partindo para uma relação mais próxima com nosso objeto de investigação nesse artigo – a fotografia – também conseguimos estabelecer um diálogo com a obra de Preciado.

A *Playboy* é uma revista com proposta editorial voltada ao público masculino heterossexual e poderíamos dizer também que está a serviço da manutenção da heteronormatividade (já que a heterossexualidade não é uma orientação sexual, mas, sim um regime político (WITTIG, 2006)). A certeza de ser homem ou mulher, feminino ou masculino é construída por um conjunto de técnicas e representações – que tornam inteligíveis e fixas nossas potencialidades e que também estão relacionadas à produção de uma espécie de consciência sexual interior. No nosso objeto em si, podemos perceber que o discurso de si reiterado pela modelo Ariadna e de que ela é uma “mulher heterossexual”. E, justamente por isso, legitimaria a venda para um público que tem a consciência de ser “homem heterossexual”. A certeza disso estaria na mostra pública da vagina de Ariadna. E isso que nos leva a pensar que

Eso que llamamos sexo, pero también el género, la masculinidad y La feminidad, y la sexualidad son ‘técnicas del cuerpo’, extensiones biotecnológicas pertenecientes al sistema sexopolítico cuyo objetivo es la producción, reproducción y expansión colonial de la vida heterossexual humana sobre el planeta”.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espada Calpe, 2008. p. 85

<sup>7</sup> PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espada Calpe, 2008. p. 93



Contudo, percebemos que esse processo de mostrar o sexo de Ariadna é executado pela revista *Playboy* de uma maneira diferente das edições com outras mulheres. Como é possível existir abjeção dentro de uma publicação que supostamente legitimaria o discurso de “mulher de verdade” de uma transexual? E é nisso que a partir de agora vamos focar para a execução da análise.

### *Fotografia e seus desdobramentos conceituais*

A filosofia da fotografia presente em *A câmara Clara* mostra a transição fenomenológica do corpo em objeto, do corpo em representação fotográfica.

Imaginariamente, a fotografia (aquela de que tenho a *intenção*) representa esse momento meio sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem um sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que sente tornar-se objeto: vivo então uma microexperiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro<sup>8</sup>

As considerações de Roland Barthes apontam o caminho para pensar a fotografia em sua emergência pragmática. Phillippe Dubois (1996) reflete sobre a fotografia a partir do viés pragmático da função imagética, acomodando a representação fotográfica nas categorias da teoria geral dos signos (índice, ícone e símbolo). A representação fotográfica pensada a partir da semiótica de Charles Sanders Peirce sinaliza a dinâmica da imagem. “A teoria semiótica permite-nos captar não apenas a complexidade, mas também a força da comunicação pela imagem, apontando-nos essa circulação da imagem pela *semelhança, traço e convenção*, isto é, entre *ícone, índice e símbolo*” (JOLY, 1996, p.40).

A tarefa de uma análise da imagem fotográfica é, por assim dizer, muito complexa devido aos processos técnicos, estéticos e pragmáticos da representação fotográfica. Por isso, devemos compreender que:

O assunto, tal como se acha representado na imagem fotográfica, resulta de uma sucessão de escolhas; é fruto de um somatório de seleções de diferentes naturezas –

<sup>8</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*; Tradução de Julio Castañon Guimarães. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.27.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES  
Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,  
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011  
Centro de Convenções da Bahia  
Salvador - BA



idealizadas e conduzidas pelo fotógrafo – seleções essas que interagem entre si, determinando o caráter da representação<sup>9</sup>.

A fotografia, por si mesma, traduz uma “realidade” para a ficção da representação. A análise das fotografias eróticas da *Revista Playboy* busca exatamente identificar o traço intrínseco das imagens e representações fotográficas, demonstrando seu caráter ideológico transmutado em técnica e estética da imagem.

Para dar início à reflexão sobre o corpo e o gênero nas fotografias da *Revista Playboy*, é necessário partirmos de uma premissa consagrada pela semiótica de Charles Sanders Peirce. Essa premissa é muito bem sintetizada nas palavras de Daniel Bounoux.

Perguntávamos onde acabam as coisas e onde começam os signos, onde passa exatamente a fronteira entre biosfera e semiosfera, entre natureza e cultura. Como tentativa para traçar essa fronteira suscita dificuldades, uma maneira elegante de responder è suscitar que, para nós, tudo é semiótico<sup>10</sup>.

O corte semiótico interpõe-se entre a natureza e a cultura, construindo os significados e apresentando os sentidos. A fotografia se manifesta através do sentido *existencial* do seu referente (corpo, objeto ou paisagem), é a indexicalidade ou impregnação (aderência nas palavras de Barthes) do referente no produto final. “Essa indexicalidade também é acentuada pelo fato de elas se referirem, por princípio, a objetos singulares e “realmente existentes”, e não a classes geras de objetos” (SANTAELLA & NÖTH, 2008, p.148).

A fotografia está sustentada em seus fundamentos, exatamente, na ligação direta com o objeto singular da qual é produto final. Considerando a primeira fase do corte semiótico fotográfico, a fotografia é índice – conexão direta entre objeto, assunto, tempo e espaço – que se sustenta na indexicalidade do referente. Assim, a fotografia é índice na sua estrutura inicial. “Um índice mostra seu objeto e dirige a atenção do observador diretamente para esse objeto, embora o objeto tenha que ser um objeto singular e existente na realidade” (Idem, 2008, p. 148).

As fotografias da *Revista Playboy* são produtos de comunicação que referenciam o objeto representado. No caso, o corpo e o gênero de uma transexual. A transexualidade fotografada na

<sup>9</sup> KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.27.

<sup>10</sup> BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p.54.



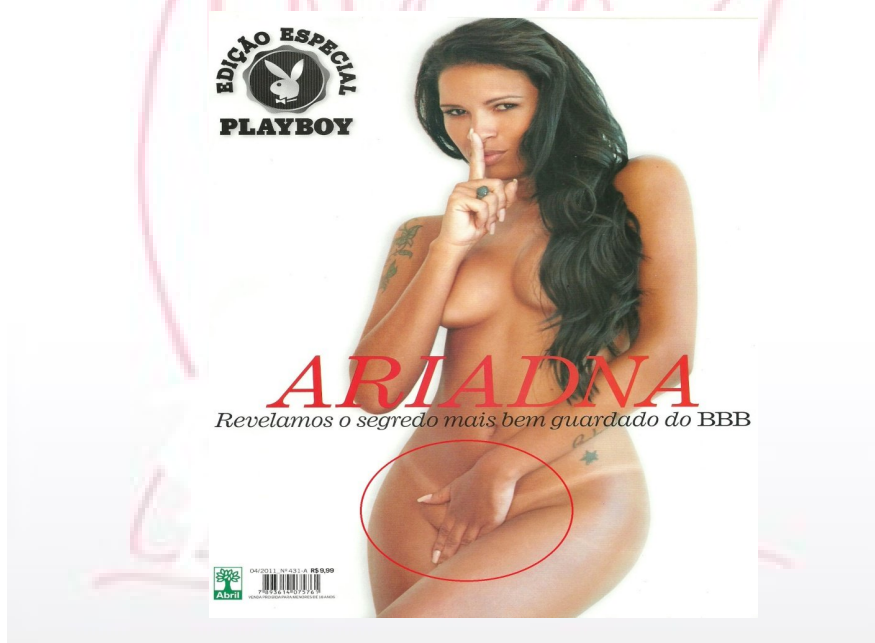


Revista Playboy é sustentada pela singularidade do referente exposto às lentes do fotógrafo. Tomadas, enquadramentos e poses são frutos de uma composição cênica necessária para a inscrição de um *studium*, de uma construção ideológica do fotógrafo, dos conceitos e escolhas no ato de fotografar.

Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las em mesmo, pois a cultura (com que tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre criadores e consumidores<sup>11</sup>.

Da compreensão de que a fotografia é um índice, inserimos também a capacidade de fabricação da cena fotográfica (pose, os gestos, os olhares e o próprio corpo), da construção do *studium* consolidada entre referente e fotógrafo, diz Barthes: “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: proponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem” (BARTHES, 1984, p.22). A construção da representação fotográfica está arraigada profundamente na concepção e realização do fotógrafo<sup>12</sup>.

*O segredo de Ariadna ou a via-crúcis da abjeção?*



<sup>11</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*; Tradução de Julio Castañon Guimarães. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.48.

<sup>12</sup> Ver KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. “Decifrar a *realidade interior* das representações fotográficas, seus significados ocultos, suas tramas, realidades e ficções, as finalidades para as quais foram produzidas é a tarefa fundamental a ser compreendida” (KOSSOY, 2009, p.23).



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES  
Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,  
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011  
Centro de Convenções da Bahia  
Salvador - BA



As fotografias da transexual Ariadna, publicadas na Revista Playboy (revista que tem como segmento o público masculino heterossexual), buscam evidenciar um segredo, segredo esse que é *revelado* nas fotografias da revista. As páginas da Revista Playboy prometem apresentar algo que não pode apenas ser dito, mas que merece ser demonstrado através de imagens. É com esse intuito que a Playboy da transexual Ariadna existe enquanto sentido e ideologia.

O corpo fotografado é de uma transexual. É um corpo transmutado pelas tecnologias médicas e biológicas, é um corpo que busca a sua inscrição na inteligibilidade das normas de gênero da matriz heterossexual. Mas como transmutado, transfigurado ou transformado em gênero, o corpo evidenciado nas fotografias é um corpo com áreas abjetas, com áreas que negam a naturalidade do corpo transexual. A afirmação se sustenta na observação de imagem:



Nas fotografias analisadas, as áreas com o círculo vermelho evidenciam que as fotografias da transexual Ariadna apresentam um corpo deformado, uma estética disforme, uma estética bizarra (abjeto). Por isso, as fotografias trazem consigo uma concepção de abjeção em relação ao corpo da transexual.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES  
Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,  
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011  
Centro de Convenções da Bahia  
Salvador - BA



Quanto mais disforme for uma imagem em relação ao cânone de beleza masculina ou feminina, mais a identificação se será em termos animais. E ainda, entre a animalidade e a deformidade surge o monstruoso. A monstruosidade impacta em face do outro não-natural, quase animal e absolutamente disforme<sup>13</sup>.

O borrão preto sobre a vagina de Ariadna evidencia que o *studium* das fotografias da Revista Playboy reitera o caráter abjeto sobre o referente. Embasado no que já foi dito sobre a semiótica das imagens, é possível compreender que aos olhos desatentos da *doxa* do senso comum, as fotografias *revelariam* a mutilação do corpo fotografado, de um corpo que não pertence à lógica dos gêneros inteligíveis.

As fotografias da Revista Playboy são o documento imagético que asseguram a não-humanidade do corpo transexual, elas são o próprio atestado do desvio das normas de gênero, da falha de práticas que não decorrem da naturalidade da matriz heterossexual, como disse Judith Butler:

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” e nem do “gênero”<sup>14</sup>.

A identidade transexual apresentada nas fotografias da Revista Playboy é um composto de presença-ausência. As fotografias demonstram a presença de um corpo capaz de embaralhar o *continuum* que sustenta a heterossexualidade compulsória (sexo, gênero, desejo e prática sexuais ditas naturais), de uma presença questionadora dos limites e dos modelos estabelecidos de inteligibilidade humana, mas também demarcam a ausência de inteligibilidade das zonas de gênero.

As fotografias revelam um corpo transgressor. Mas enquanto análise semiótica a imagem não é mimética, ela não é o espelho translúcido da realidade objetiva. É por isso que Phillipe Dubois (1996) consagra a necessidade de pensar a fotografia enquanto *processo*, induzindo a uma análise não apenas do produto final, mas de toda a relação entre *referente, tomada e o sujeito-operador*.

<sup>13</sup> FÍGARI, Carlos Eduardo & DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Sexualidades que importam: Entre a perversão e a dissidência. In: *Prazeres dissidentes*/ Maria Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs).– Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.23.

<sup>14</sup> BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p.39.



Assim, “para cada imagem, portanto, entra em jogo o campo da referência. Nesse sentido, a fotografia é a necessidade absoluta do ponto de vista pragmático” (DUBOIS, 1996, p.66).

As fotografias da Revista Playboy apresentam aos seus consumidores a imagem de uma transexual que está *revelando* a anatomia do corpo que rompe com os ditames da heterossexualidade compulsória. Por isso, as imagens exercem o papel de confirmação de uma dada realidade já subjetivada pelos sujeitos através do processo semiótico de abstração mental. O corte semiótico aparece mais uma vez na história.

Boris Kossoy demonstra que a fotografia está presa por uma trama de significados e valores que são atribuídos nos processos de produção, pós-produção e consumo das imagens. Frente a isso, a imagem fotográfica tem *sentido* quando preenchida de sentidos da representação.

Os receptores já trazem em si suas próprias *imagens mentais preconcebidas* acerca de determinados assuntos. Estas imagens mentais funcionam como filtros: ideológicos, culturais, morais éticos etc. Tais filtros, *todos nós os temos*, sendo que para cada receptor, individualmente, os mencionados componentes interagem entre si, atuando com maior ou menor intensidade<sup>15</sup>.

As imagens mentais exercem o papel de distinção entre os gêneros *naturais* na matriz heterossexual. O masculino e o feminino já são constituídos por uma estilística de gênero que permitem a identificação semiótica dos corpos em gênero. Os códigos de inteligibilidade de gênero impõem aos sujeitos cognitivos uma gramática corporal, uma estilista das formas de gênero que caminham para a perpetuação da identificação dimórfica<sup>16</sup> heterossexual.

A construção de sexualidades normais e periféricas denota uma falsa unidade que fragmenta o corpo, uma desunião que reduz a erogenia. Por isso, quando aparecem outros corpos ou práticas sexuais/eróticas que desafiam a lógica desta gramática, são produzidos, como vimos, dois efeitos políticos: o primeiro é a consideração de não-humanidade, o segundo, a abjeção e a repugnância<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.44.

<sup>16</sup> É necessário compreender que as experiências de vida fora do dimorfismo sexual masculino-feminino são compreendidas como abjetas, por não preencherem as *condições básicas* de inteligibilidade de gênero. Para compreender essa discussão, ver PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos. In: Cadernos Pagu, V.28, 2007, p.149-174.

<sup>17</sup> FÍGARI, Carlos Eduardo & DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Sexualidades que importam: Entre a perversão e a dissidência. In: *Prazeres dissidentes*/ Maria Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs).– Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.24-25.



Em outras palavras, nas fotografias da transexual Ariadna, podemos considerar que o processo cognitivo sobre uma *gramática de gênero* permitiu a construção de um *studium* barthesiano que reiterasse a lógica pedagógica e normativa da heterossexualidade. A partir disso, consideramos que “toda representação é relacionada por seu espectador – ou melhor, por seus espectadores históricos e sucessivos – a enunciados ideológicos, culturais, em todo caso simbólicos, sem os quais ela não tem sentidos” (AUMONT, 1993, p.248). Por isso, os enunciados que tratem de corpos ou sexualidades periféricas, ou até mesmo anormais, são designados para consolidar o papel *natural* da heterossexualidade compulsória.

A fotografia enquanto documento *existencial* do referente transexual é utilizada como dispositivo ideológico que mascara as relações de poder, desejo e abjeção presentes na cognição humana. Barthes faz uma consideração importante quanto a utilização da fotografia como portadora de sentido que emana das forças sociais e culturais.

Já que toda foto é contingente (e por isso mesmo fora de sentido), a fotografia só pode significar (visar uma generalidade) assumindo uma máscara. É exatamente



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES  
Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,  
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011  
Centro de Convenções da Bahia  
Salvador - BA



essa palavra que Calvino emprega para designar aquilo que faz de uma face o produto de uma sociedade e de sua história<sup>18</sup>.

É na assunção da máscara ideológica que o sentido se instala na fotografia. É na construção de um dispositivo de sentidos, em termos foucaultianos, que as fotografias da Revista Playboy reiteram a abjeção sobre o corpo transexual.

A representação fotográfica merece ser questionada porque na contemporaneidade os discursos sobre a imagem e o papel que elas têm na sociedade devem contemplar todo o processo técnico, estético e pragmático das fotografias. É na conjunção de fatos pré-fotográfico, fotográficos e pós-fotográficos (SANTAELLA & NÖTH, 2008) que a representação emerge. Por isso, é necessário pensar que o índice fotográfico da Revista Playboy (A transexual Ariadna) já está preso em discursos e valores que constituem um espaço de abjeção para o corpo e o gênero transexual. Não queremos, com isso, dizer que existe uma *intencionalidade* na produção das fotografias. Mas que existe uma lógica de sentidos abjetos sobre o referente fotográfico (corpo e gênero transexual).

#### *Referências Bibliográficas*

ARÁN, Márcia. *A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero*. Rio de Janeiro: Revista Ágora: v. 9 n. 1, jan/jun 2006. p. 49-63.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas/SP: Papirus, 1993.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*; Tradução de Julio Castañon Guimarães. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

BUTLER, Judith. Acerca do término “queer”. In: *Cuerpos que importan: sobre os limites materiais e discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. *Desdiagnosticando o gênero*. Physis. Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, ed. 19 [1], pp. 95-126, 2009.

<sup>18</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*; Tradução de Julio Castañon Guimarães. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.58.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES  
Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução,  
Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura

04 a 06 de Setembro de 2011  
Centro de Convenções da Bahia  
Salvador - BA



\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DUBOIS, Phillipe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas/SP: Papirus, 1993.

FÍGARI, Carlos Eduardo & DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Sexualidades que importam: Entre a perversão e a dissidência. In: *Prazeres dissidentes/ Maria Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs).*— Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.21-29.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espada Calpe, 2008.

SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual*. Madrid: Egale, 2005.

